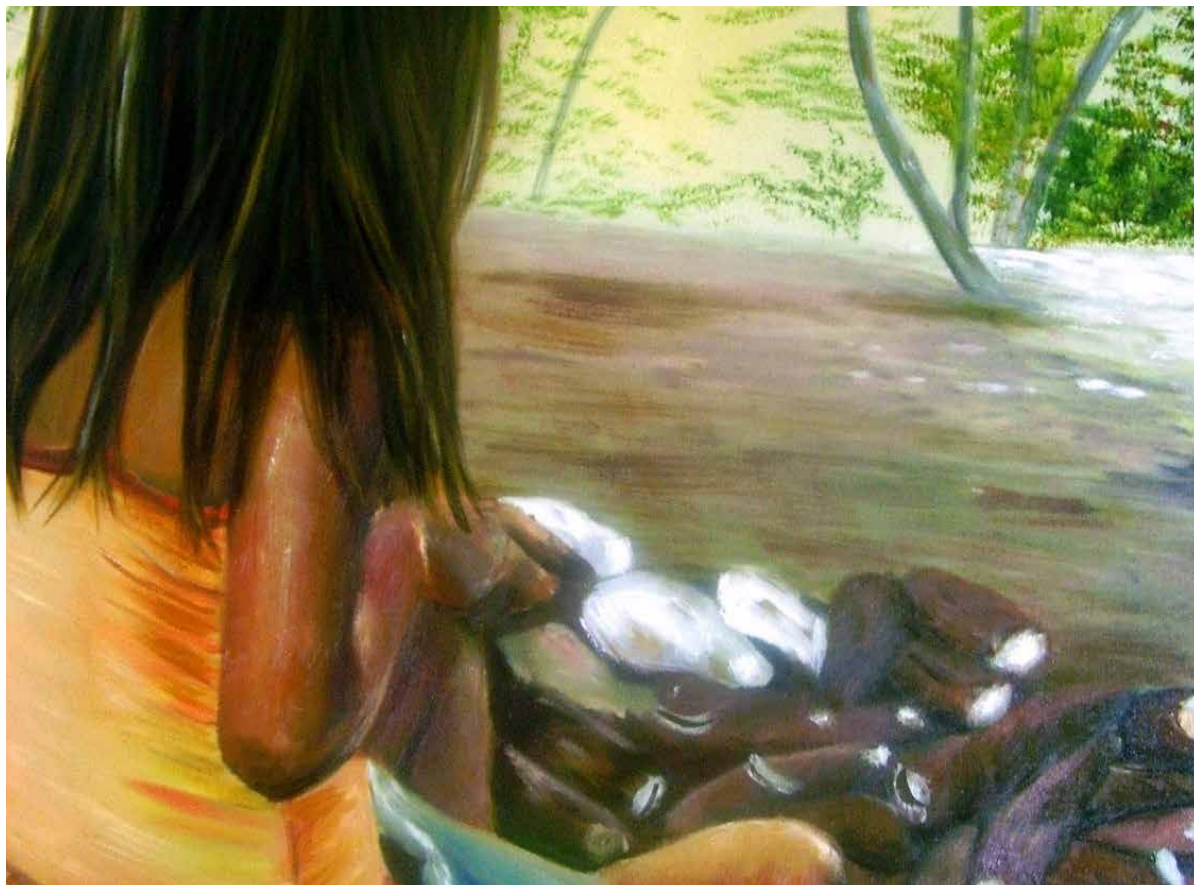


REVISTA



RECONEXÃO PERIFÉRIAS



DXAHÁ PATIXTIXÁ KUYUNA - 2011, ACRÍLICA SOBRE TELA, ARISSANA PATAXÓ

Pela vida e por ambientes sustentáveis nas periferias

MST quer hortas urbanas para produzir alimentos

Artista traz vivência pataxó para suas obras

AGENDA DE LUTAS JUNHO DE 2023

Reenvolvimento: pela vida e por ambientes sustentáveis nas periferias



OBRA DE ARISSANA PATAXÓ. ACRÍLICA SOBRE TELA, 90X100CM, 2009.

Uma rápida retrospectiva sobre tragédias ocorridas nos últimos anos mostra de forma inequívoca que a maior parte dos danos ambientais causados pelos modelos de desenvolvimento hegemônicos atuais recai em populações de baixa renda, grupos raciais historicamente marginalizados e quase sempre em situação de vulnerabilidade que vivem nas periferias.

Sempre nos mesmos territórios, assistimos a enchentes e deslizamentos de terra que matam e desabrigam milhares, populações que adoecem e morrem em razão da contaminação da água por mercúrio ou da falta de acesso a água potável. Também vemos crescer um modelo de produção agrícola que causa o desmatamento, esgotamento do solo e a desertificação,

provoca desemprego e êxodo rural, devido à mecanização, doenças advindas de alimentos contaminados por uso indiscriminado de defensivos e um aumento de conflitos agrários por posse de terras.

É sobre esse tema que a edição da revista Reconexão Periferias de junho, quando se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente, propõe uma reflexão, de onde emerge o debate de desenvolvimento versus reenvolvimento. Pois sem reconhecer e priorizar os grupos que mais sofrem com os efeitos da degradação ambiental não é possível desenvolver políticas públicas que possam preservar a vida humana.

O artigo de Larissa Zuim e Sheila Noele Moreira, da ONG Ação Ecológi-

PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE ISAÍAS DALLE, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES SOLANGE GONÇALVES LUCIANO ■ EDIÇÃO E REVISÃO ROSE SILVA ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CAMILA ROMA ■ PROJETO GRÁFICO CACO BISOL ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO PAULO OKAMOTO (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JORGE BITTAR, LUIZ CAETANO, NAIARA TORRES E VIRGÍLIO GUIMARÃES.

ca Guaporé – Ecoporé, traz algumas experiências desenvolvidas em seus 35 anos de atuação, com ações de restauração ecológica, monitoramento da biodiversidade e educação socioambiental em áreas do estado de Rondônia que sofreram intensos processos de degradação ambiental desde o início de sua ocupação territorial. “É nesses territórios ambientalmente sensíveis que se faz ainda mais necessário um trabalho intensivo com as populações mais afetadas. São mulheres e jovens da agricultura familiar, quilombolas, indígenas e comunidades de populações tradicionais que recebem não só os insumos necessários para iniciar o processo de restauração ambiental como todo o acompanhamento técnico rural necessário, junto com ações educativas, capazes de transformar a realidade dos envolvidos”.

O perfil do Instituto Madeira Vivo (IMV) conta a história de um coletivo que oferece para comunidades tradicionais assessoria voltada

a projetos de energia renovável, auxílio na produção de documentos para denunciar violações de direitos, educomunicação popular, formação de lideranças, mobilizações em defesa das águas da Amazônia, além de utilizar a arte-educação para afirmar a identidade local, apresentando cantos e danças com referência na cultura indígena. Como explica o coordenador do IMV, Iremar Ferreira, as organizações sociais da região vêm trabalhando principalmente a pauta da agroecologia e da água, em busca de alternativas, com projetos que utilizem principalmente energia solar fotovoltaica para captação de água potável, liberação de água e também iluminação de espaços coletivos.

“Atuamos de maneira a buscar essa sustentabilidade que nós tanto almejamos. Principalmente com iniciativas de envolvimento, porque nós cansamos de ouvir projetos de desenvolvimento e o resultado deles é de retirar a gente do nosso lugar. Então, nesse tipo de

projeto de desenvolvimento a gente não acredita mais, porque só trouxe problemas”, afirma.

A edição registra também a agenda organizada pela Iniciativa Negra por uma Nova Política de Drogas e pela Conectas, apoiada pelos projeto Reconexão Periferias, na qual diferentes movimentos sociais protagonizados por mães e familiares de vítimas da violência de Estado estiveram em Brasília nos dias 31 de maio e 1 de junho.

Na seção de Arte, a artista plástica Arissana Pataxó, entrevistada pela equipe da revista, conta que desenvolve uma poética sobre povos indígenas e a contemporaneidade utilizando diversas técnicas que possibilitam o seu trabalho, da pintura à fotografia. Natural de Porto Seguro (BA), retrata em suas obras a resistência indígena e toda a beleza de seu povo.

Boa leitura! Boas lutas! ■

Restaurar a floresta não só é possível, como essencial

LARISSA ZUIM E SHEILA NOELE MOREIRA

LARISSA ZUIM É JORNALISTA E ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO DA AÇÃO ECOLÓGICA GUAPORÉ (ECOPORÉ). DOUTORA EM GEOGRAFIA E PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM GEOGRAFIA, MULHER E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO.

SHEILA NOELE MOREIRA É AGRÔNOMA E ATUAL PRESIDENTA DA AÇÃO ECOLÓGICA GUAPORÉ (ECOPORÉ). MESTRA EM GEOGRAFIA COM EXPERIÊNCIA EM EXTENSÃO RURAL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EM ATIVIDADES LIGADAS À AGRICULTURA FAMILIAR.

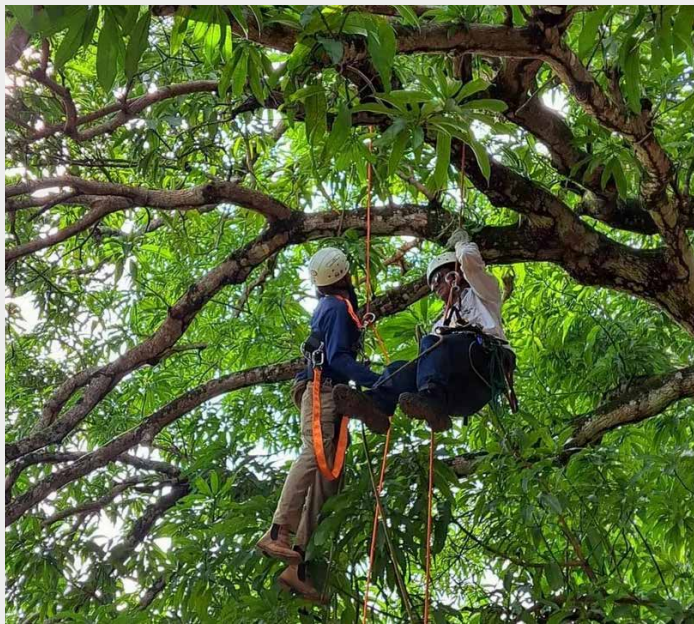


FOTO: REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM @ECOPORERONDONIA

ONG de Rondônia restaura áreas de floresta com tecnologia sustentável para mulheres e jovens

“Levarás a sério a crise ecológica. Não se trata apenas de um problema entre muitos outros, é a questão política, econômica, social e moral mais importante do século XXI.” É o que o sociólogo Michael Löwy institui como primeiro mandamento para salvar a vida neste planeta.

No breve texto Ecodecálogo, o autor conhecido por

construir discussões pautadas no ecossocialismo, ao listar dez mandamentos e quase em tom de ironia, reforça que a problemática ambiental e a crise climática são “uma questão de vida ou de morte”.

E partindo do princípio de que, apesar de atingir de maneira mais intensa as periferias do mundo com predileção de raça, classe e gênero, se não

houver uma junção de forças para mitigar os efeitos da devastação ambiental, todos perecerão, o mandamento IV ressalta: “Apoiarás ações coletivas, por exemplo, qualquer luta ecológica concreta, em teu país e no mundo. [...] Participarás ou apoiarás movimentos, ONGs, etc. que lutem pelas causas ecológicas, privilegiando as mais radicais.”

E é pensando nesse futuro que a ONG Ação Ecológica Guaporé - Ecoporé, em seus 35 anos de atuação, tem desenvolvido trabalhos de restauração ecológica, monitoramento da biodiversidade, educação socioambiental em áreas do estado de Rondônia que sofreram intensos processos de degradação desde o início de sua ocupação territorial.

É nesses territórios ambientalmente sensíveis que se faz ainda mais necessário um trabalho intensivo com as po-

pulações mais afetadas. São mulheres e jovens da agricultura familiar, quilombolas, indígenas e comunidades de populações tradicionais que recebem não só os insumos necessários para iniciar o processo de restauração ambiental como todo o acompanhamento técnico rural necessário, junto com ações educativas, capazes de transformar a realidade dos envolvidos.

A floresta é lar

Fortalecer as governanças territoriais, o protagonismo feminino, a valorização cultural e a segurança alimentar são fundamentais nesse processo de luta e só se consegue isso com a consolidação do valor da sociobiodiversidade, de forma com que seja possível a promoção da economia local de maneira sustentável.

Com essa visão, no trabalho desenvolvido com as mulheres e jovens da agricultura familiar de Rondônia, com a implantação da tecnologia sustentável dos

"quintais produtivos", além de florir a nossa mesa, geram renda para as famílias, segurança alimentar e usam menos agrotóxico.

Os quintais produtivos combinam espécies florestais, lavoura e pastoreio de pequenos animais, apresentando biodiversidade, capacidade de produção e, em muitos casos, reaproveitamento de resíduos orgânicos. Desde 2017 já são 238 quintais produtivos sustentáveis, que plantaram 88 mil mudas de árvores e capacitaram mulheres e jovens da agricultura familiar.

O trabalho acontece de forma coletiva, com o cultivo de verduras e hortaliças como alface, rúcula, agrião, também ervas medicinais da sabe-

doria tradicional de cada comunidade da qual fazem parte para fabricação de remédios e unguentos, e claro, flores, que servem como medicamentos e como repelente natural de insetos indesejados e atraindo os polinizadores.

A estimativa levantada é que, a partir do apoio do projeto, as áreas em recuperação já tenham fixado 46 mil toneladas de carbono, contribuindo para a diminuição dos impactos das mudanças climáticas causadas pelo desmatamento.

É a inclusão socioproductiva de mulheres e jovens rurais, dando oportunidade, gerando renda e ajudando na reconstrução da floresta amazônica. ■



FOTO: REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM @ECOPOPERONDONIA

ENTREVISTA COM JOÃO PAULO RODRIGUES

MST quer parcerias com periferias urbanas para produzir alimentos

ISAÍAS DALLE



FOTO: MST

Amor e ódio. O MST colhe esses dois frutos antagônicos porque cultiva um tema nada dúbio: alimentação sem agrotóxico, a preço justo, sem trabalho escravo e com qualidade de vida para quem trabalha na terra, só com a desapropriação dos latifúndios improdutivos e a organização livre e coletiva e dos homens e mulheres do campo.

Uma das prioridades do movimento para 2023 e os próximos anos é, segundo nos relata João Paulo Rodrigues, uma das lideranças nacionais do MST, ampliar parcerias com coletivos urbanos

para a construção de milhares de hortas comunitárias nas cidades, que vão produzir alimentos saudáveis, sem veneno, e gerar oportunidades de renda. Como aconteceu durante a pandemia,

quando centenas de cozinhas solidárias do MST distribuíram milhões de refeições gratuitamente, essa será mais uma ação que vai amear simpatia de mais e mais pessoas.

De outro lado, a CPI instaurada em Brasília contra os sem-terra vai tentar espalhar ódio. “É uma tentativa de criminalizar quem produz comida”, diz João Paulo. Ele crê que essa CPI terá efeito contrário ao pretendido pela oposição, e o MST poderá contar a verdade sobre os verdadeiros males do campo.

Enquanto isso, o trabalho do MST, em assentamentos por todo o país, com moradia, escola, serviços de saúde e vida comunitária plural, vai combatendo a pobreza, a desinformação política e, de quebra, protegendo o meio ambiente, outra pauta prioritária, junto com a questão dos alimentos.

Reconexão: Foi instaurada uma CPI do MST no Congresso. Quais motivações você enxerga na abertura dessas investigações e qual sua expectativa?

João Paulo: O governo Lula, quando faz essa disputa ferrenha com o outro lado, o lado golpista, sempre tem claro que uma das medidas essen-

ciais para resolver o problema da fome no Brasil é construir uma nova agenda para a agricultura. Agenda que combina desapropriação de latifúndio improdutivo, programa de habitação no campo, programa de agroindústria e, acima de tudo, um programa sobre a agenda dos alimentos. O agro, de uma forma ou de outra, precisa interditar essa agenda de melhoria de vida para os agricultores do campo. E a forma de interditar isso é na disputa ideológica, das narrativas, e todos eles vieram contra o MST agora, desde o início do governo, com as ocupações de terra, e eles estão fortes também no Congresso Nacional. Têm maioria absoluta e por isso construíram essa CPI contra o MST que é, na verdade, uma CPI contra o governo e contra a política. O MST está seguro, porque é uma CPI que não tem objeto definido, não tem proposta concreta para fazer investigação. É o que nós estamos chamando de CPI do fim do mundo, que quer investigar tudo porque não tem objeto pré-determinado.

Nós temos denunciado que essa CPI só tem um objetivo: criminalizar a luta política e o MST. A criminalização da reforma agrária e, o que é mais grave: a criminalização de quem está produzindo comida. Nós só temos uma opção: nos defender. E para isso vamos contar com o apoio da sociedade, para que essa CPI possa discutir os verdadeiros problemas do povo brasileiro no campo: a grilagem de terras, a violência no campo e a falta de um projeto de reforma agrária.

Durante a pandemia, o MST atuou muito fortemente na distribuição e no preparo de alimentos para as populações das periferias das cidades. Além de produzir comida sem agrotóxico, o movimento ainda atua na preservação do meio ambiente. Como funciona?

Nós fizemos um esforço grande na pandemia no sentido de cuidar das pessoas. O MST sempre teve claro que a principal tarefa de uma organização de esquerda é o cuidado com as pessoas, em

qualquer situação. E isso não é um chavão, é um princípio. Para você ter uma ideia, tivemos um dos mais baixos números de infecção por Covid em nossos acampamentos e assentamentos, 26 vezes menor que a média nacional. Isso foi possível porque houve uma posição política do movimento, que acompanhou as orientações do SUS. O segundo cuidado que tivemos é que, além de o nosso povo se alimentar bem, pudesse distribuir comida para quem estivesse precisando naquele momento. E aprendemos isso com os cubanos, que dizem assim: solidariedade não é dividir o que sobra, é dividir o que se tem. E durante a pandemia, o que nós fizemos? Comida. Uma grande campanha nos acampamentos e nos assentamentos e nos transformamos a pandemia naquilo que chamamos de “isolamento produtivo”. Tivemos a felicidade de distribuir aproximadamente 10 mil toneladas de alimentos, no Brasil inteiro. Isso foi de uma riqueza absurda pra quem recebeu e

pra quem doou. Mas, mais do que isso: nós produzimos um debate sobre o que é alimento saudável, sem agrotóxico, produzido com trabalho justo, coletivamente. E fomos aprendendo que o alimento para nós é um componente político, ideológico. Não é uma mercadoria. Alimento que salva vidas. Avançamos também nas cozinhas solidárias, onde preparávamos as refeições. Tivemos parcerias com aproximadamente 240 cozinhas solidárias em várias periferias do Brasil. E todo esse período da pandemia foi sintetizado agora, na Feira da Reforma Agrária, em São Paulo, para onde trouxemos 500 toneladas de alimentos e fizemos um grande debate sobre o papel dos alimentos no mundo de

hoje e, acima de tudo, sobre o fato de que a reforma agrária continua na ordem do dia. A única forma de produzir alimento saudável para o Brasil é pela reforma agrária, que inclua os sem-terras e que faça parceria com o consumidor do campo e da cidade.

A produção do MST, sem agrotóxico, protege o meio ambiente. Quantas famílias vivem hoje em assentamentos, e qual é a área cultivada e cuidada por essas famílias?

O MST não cadastra as famílias como os sindicatos fazem nos locais de trabalho, ou mesmo os partidos. Chamamos os que são organizados por nós, de uma forma ou de outra. Reunimos hoje, aproximadamente, um milhão de famílias assen-



HORTA COMUNITÁRIA. FOTO: EBC



FOTO: PRISCILA RAMOS - MST

tadas pela reforma agrária. São números do Inbra. Desse total, o MST organiza, cuida, tem relações, com mais ou menos 400 mil famílias. Trabalhando com a ideia de que cada família tem cinco pessoas, estamos falando de 2 milhões e meio de pessoas, que ocupam aproximadamente 20 milhões de hectares de terra, esparramados em 24 estados e o Distrito Federal, em 1.200 municípios. Mas nós temos também os acampamentos, famílias que estão esperando terra, 60 mil famílias, em 650 acampamentos. 60% deles na região Nordeste do Brasil. O

MST acha esses números bonitos, mas mais bonita é a capacidade de melhorar a vida dessas pessoas, que estavam em situação de pobreza, de trabalho análogo à escravidão e que hoje têm uma dignidade: casa, escola e alimento, fruto especialmente dos governos Lula e Dilma. O período Temer e Bolsonaro foi uma tragédia, mas agora temos esperança de melhora.

O MST é um movimento de periferia? Porque em algum momento, nas cidades, as favelas e comunidades de hoje foram terrenos ocupados

por famílias em busca de teto, à semelhança dos assentamentos rurais.

Há um esforço do movimento para transformar essas áreas rurais, assim como nas áreas urbanas, em territórios que transformam e melhoram a vida das pessoas. Eu acho que o MST e os movimentos de moradia urbana trabalham na mesma ideia. Nós precisamos cuidar das pessoas onde é possível fazer isso: no território da ocupação urbana ou da fábrica. Nós estamos inclusive fazendo muitas atividades com os movimentos

ENTREVISTA COM JOÃO PAULO RODRIGUES

urbanos, levando gente para os grandes centros para compreender essa política e aprender novas formas de ajudar a vida das pessoas. O grande desafio do MST é como construir um projeto unitário com as periferias urbanas, para combater a pobreza, aumentar o nível de consciência política e, acima de tudo, consciência organizativa. Nós estamos fazendo um esforço com as cooperativas de alimentação, para termos lojas do Armazém do Campo nas periferias, nos centros. Óbvio que para isso precisamos de políticas públicas, porque sabemos que estamos lidando com dois públicos

pobres, rural e da periferia. Também estamos começando a construir parcerias para construir hortas urbanas, esse é o grande desafio nosso. Em vez de trazer comida produzida a 100 km de São Paulo, ter aqui na cidade uma grande quantidade de produção. O que nós chamamos de “rururbano”. Há capacidade, em cada esquina, de produzir uma hortaliça. Estamos com uma experiência muito boa em Maricá, no Rio, de construir 500 hortas dentro da cidade. Temos experiências muito boas nesse sentido em Hortolândia e Araraquara. E nós achamos que a cidade de São Paulo será o próximo desafio nosso.

Tem muita comunidade bacana produzindo e nós queremos fazer coisas juntos. O alimento está no centro da pauta, e por isso queremos fazer coisas juntos.

O atual prefeito de São Paulo é refratário a políticas sociais, é refratário a pobres. Como implementar um projeto desses a despeito do poder público?

A gente tem de brigar com o poder público, independente de coloração ideológica ou partidária. É um projeto que ninguém pode ser contra: produzir horta! Você pode usar o espaço das escolas, das unidades básicas de



FOTO: LUARA DEL CHIAVON - MST

saúde, essas áreas que ficam embaixo das linhas de transmissão de energia. Há áreas maravilhosas numa cidade para se fazer isso. E já tem gente fazendo. Temos de transformar esses territórios livres, com ajuda de emendas parlamentares, projetos. É muito barato. Fazer planejamento, estipular uma meta e convocar a sociedade para participar. O MST está muito animado com isso. Já fazemos as Cozinhas Solidárias no Brasil inteiro, e elas vão precisar de alimentos. E o principal desse alimento virá das hortas urbanas. Estamos nos preparando para lançar um grande programa de parceira para construir essas hortas ainda no segundo semestre. Esse tema da alimentação veio para ficar, como forma de enfrentar a fome e a miséria. É a agricultura familiar que pode enfrentar essa demanda.

Já há muitos coletivos nas periferias atuando na geração de alimentos. Como fazer para construir parcerias com o MST?

A melhor referência são as cidades médias e peque-

nas onde o MST tem acampamentos e assentamentos. Nas cooperativas. Eu acho que a melhor forma de fazer aliança é com a vida real. Nós estamos presentes em 1.200 municípios. É possível fazer essas parcerias. Tem uma avenida para a gente andar junto, a partir do alimento saudável.

Como é a relação do MST com a questão da liberdade religiosa?

Não temos nenhum tipo de problema, os assentamentos são o lugar onde mais tem igrejas por metro quadrado no Brasil. Isso está na nossa raiz, o MST surge das pastorais da Igreja Católica, das comunidades eclesiais de base. Eu desde criança aprendi ouvindo padres e freiras que defendiam o MST por causa da terra prometida. Nós somos a continuação da busca pela terra prometida. O movimento tem muito respeito pela religião. Sou filho de um adventista, e me formei, até os dez anos de idade, com a minha família frequentando os cultos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essa liber-

dade religiosa vale para todos os ministérios, para a Assembleia de Deus, para todas as denominações e para as religiões de matriz africana. Para nós, a religião é um momento riquíssimo na vida dos assentamentos. Agora, o que nos dá unidade é: somos contra agrotóxicos, somos contra o latifúndio, somos contra o machismo, contra a violência doméstica... Quem não respeita esses combinados não fica nos acampamentos e nos assentamentos.

Se alguém quiser conhecer, passar um tempo, num acampamento ou num assentamento, como deve fazer?

As pessoas devem conhecer a vida real de um acampamento, de um assentamento. Nós queremos ser parte de uma rede que luta pela melhoria nas condições de vida no Brasil. A luta dos trabalhadores precisa dessa aliança com os setores organizados. As pessoas podem nos procurar no site do MST, no Armazém do Campo, nesses espaços. ■

Instituto luta para dar voz a comunidades indígenas e ribeirinhas em Rondônia

ROSE SILVA



PARTICIPAÇÃO NO SEMINÁRIO AMAZONIA SUSTENTÁVEL NO ITAMARATY RUMO A CUPULA DOS PRESIDENTES AMAZONICOS EM BELEM, MÊS 05/2023. FOTO: IREMAR FERREIRA

O Instituto Madeira Vivo (IMV) surgiu em 2006, como instrumento de luta do Fórum de Debates sobre Energia em Rondônia, e coordenou a campanha popular “Viva o Rio Madeira Vivo”, por meio da qual discutiu os processos de licenciamentos de grandes obras, realizou ações educativas junto a escolas e grupos de jovens, inclusive com programas de rádio e televisão.

O IMV oferece assessoria para comunidades tradicionais voltada a projetos de energia renovável, auxílio na produção de documentos para denunciar violações de direitos, educomunicação popular, formação de lideranças, mobilizações em defesa das águas da Amazônia, além de utilizar a arte-educação para

afirmar a identidade local, apresentando cantos e danças com referência na cultura indígena.

Como relata o coordenador do IMV Iremar Ferreira, que se apresenta como educador popular, na transição do governo Fernando Henrique para o primeiro governo Lula havia atenção especial aos

investimentos hidrelétricos diante do fantasma do apagão. " Quando entrou com força a parceria público-privada no Rio Madeira, na lógica de torná-lo o primeiro espaço de implantação do complexo hidrelétrico, o coletivo do Fórum das ONGs e movimentos sociais do qual eu fazia parte entendeu que, da



PARTICIPAÇÃO NO II ENCONTRO ENERGIA E COMUNIDADES, MÊS 03/2023. FOTO: IREMAR FERREIRA

maneira como estava acontecendo, a população da região que vivia nas beiras dos rios não estava sendo ouvida”, relembra.

“Nós juntamos um grupo técnico independente e começamos a analisar esses estudos que vieram para dar suporte à implantação do complexo. Porque avaliávamos que sem compreender a maturação do ciclo hidrológico do Rio Madeira, dos peixes e sem preocupação com o componente humano, era possível prever que seria um desastre para nós”.

Iremar lembra que, por outro lado, havia uma pressão do setor elétrico para evitar um apagão, o que acelerou muito a implantação das hidrelétricas no Rio Madeira, inicialmente em

Santo Antônio e Girau. Foi então criada uma campanha popular para conscientizar a população e também os entes governamentais sobre a necessidade de considerar o que não estava sendo observado pelos estudos.

Uma das iniciativas do Instituto, em 2008, com o apoio do Programa de Desenvolvimento e Cidadania da Petrobras, beneficiou os pescadores tradicionais de Jaci Paraná, uma pequena Vila destruída com a implantação das hidrelétricas. “Esses pescadores

foram desconsiderados nos estudos e precisaram pensar em uma fonte de renda”, conta Iremar.

O Instituto também atua no campo da educomunicação, para o fortalecimento da identidade cultural da população com a produção audiovisual voltada à formação de jovens e educadores e na elaboração de pequenos projetos que atendam as necessidades básicas da comunidade, como por exemplo o acesso a água. O público é composto por indígenas, extrativistas, ribeirinhos, comunidades que vivem na região de Guajará Mirim.

“Tem tanta água aqui, mas é contaminada. Principalmente em 2014, com a grande inundação que varreu nossa região,



REUNIAO DO COMITE DE DEFESA DA VIDA AMAZONICA NA BACIA DO RIO MADEIRA/ COMVIDA, LADO BRASILEIRO, MAIO 2023 EM GUAJARA MIRIM. FOTO: IREMAR FERREIRA



PARTICIPAÇÃO NA INCIDÊNCIA POLÍTICA JUNTO AO COMVIDA BOLIVIANO EM LAPAZ, JUNHO DE 2023. FOTO: IREMAR FERREIRA

onde havia os poços amazônicos tudo virou fossa. Perdemos toda a capacidade de abastecimentos de água potável que se tinha, e nada foi feito pelo poder público e pelos empreendedores das hidrelétricas para compensar essas comunidades”, critica Iremar.

Ele explica que as organizações sociais da região vêm trabalhando principalmente a pauta da agroecologia e da água, em busca de alternativas, com projetos que utilizem principalmente energia solar fotovoltaica para captação de água potável, liberação de água e também ilumina-

ção de espaços coletivos.

“Atuamos de maneira a buscar essa sustentabilidade que nós tanto almejamos. Principalmente com iniciativas de envolvimento, porque nós cansamos de ouvir projetos de desenvolvimento e o resultado deles é de retirar a gente do nosso lugar. Então,

nesse tipo de projeto de desenvolvimento a gente não acredita mais nele, porque só trouxe problemas. Nós queremos que venham políticas públicas e projetos de envolvimento, que escutem e respeitem principalmente os protocolos de consulta e consentimento das populações da região”, conclui. ■



PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ATO MARCO TEMPORAL NAO, MAIO 2023 EM PORTO VELHO. FOTO: IREMAR FERREIRA

Reconexão Periferias apoia agenda de familiares de vítimas de violência no DF

Em agenda organizada pela Iniciativa Negra por uma Nova Política de Drogas e pela Conectas, diferentes movimentos sociais protagonizados por mães e familiares de vítimas da violência de Estado estiveram em Brasília nos dias 31 de maio e 1 de junho para reivindicar políticas de reparação e enfrentamento dos impactos da violência institucional no Brasil. O Reconexão Periferias apoiou e acompanhou a agenda, que passou pela Câmara dos Deputados e seguiu para a Esplanada, com participação dos ministérios de Promoção da Igualdade Racial, de Justiça e Segurança Pública



FOTO: TOM COSTA/MJSP

e de Direitos Humanos e Cidadania.

O grupo, composto integralmente por mulheres, foi ouvido pela ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, antes de participar da audiência pública pautada pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos

Deputados para discussão do PL 2999/2022, que estabelece um Programa de Enfrentamento aos impactos da violência institucional e revitimização de mães e familiares das vítimas e/ou vítimas sobreviventes de ações violentas, por meio da atenção social integral. Antes de passar a presidência da mesa para a deputada Erika Hilton (PSOL-SP), a deputada Jack Rocha (PT-ES) afirmou ao microfone “Essa comissão se solidariza com todas as mães negras brasileiras”. ■



FOTO: VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Painel de dados das periferias desenha desigualdade em gráficos e mapas

O Painel de Dados das Periferias, lançado pelo Projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo, apresenta de forma interativa um conjunto de dados das pesquisas do eixo Trabalho do projeto.

Por meio da ferramenta, é possível combinar dados por renda, sexo, raça e região do país, nos últimos dez anos, que possibilitam

informações sobre os estudos **O trabalho por conta própria do lulismo à peste – um olhar diacrônico sobre os**

agrupá-los por raça, gênero e faixa de renda, formando um desenho das desigualdades.

É possível ainda verificar a distribuição dos trabalhadores por conta própria por setor de atividade (comércio, serviços, indústria e agricultura), por nível de escolaridade

Distribuição dos trabalhadores e trabalhadoras por conta própria por regiões do Brasil

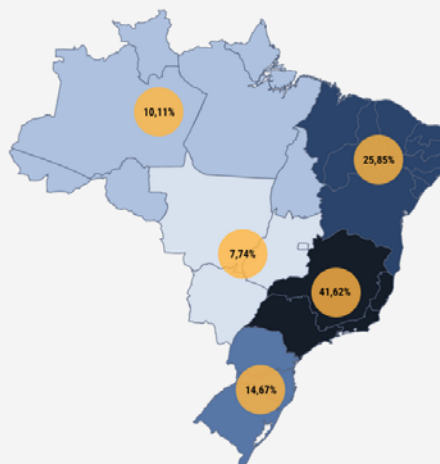
Selecione o dado que gostaria de visualizar

Distribuição por população (2019) e PIB (2017)

- porcentagem dos conta própria
- porcentagem da população
- porcentagem do PIB

Distribuição por faixa de renda

- Até R\$ 500
- R\$ 501 a R\$ 1.000
- R\$ 1.001 a R\$ 2.000
- R\$ 2.001 a R\$ 4.000
- Acima de R\$ 4.000



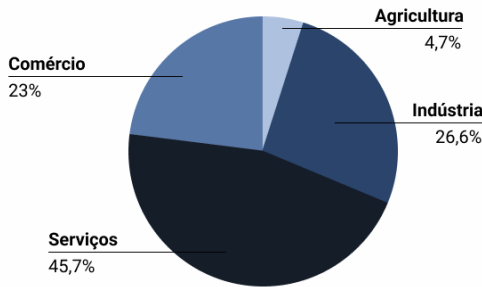
compreender melhor o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Para navegar no painel de dados, basta acessar este [link](#).

Estão disponíveis para navegação os dados das pesquisas do eixo de trabalho, que consolidam

indicadores da Pnad-C 2012-2022 e Nas dobras da precariedade, em gráficos, mapas e painéis. Com a ferramenta, o usuário pode montar e visualizar a distribuição dos trabalhadores e trabalhadoras por conta própria por regiões do Brasil,

e por profissão, além de visualizar as informações em cada região do Brasil. Esse recurso é muito rico, pois permite identificar as enormes desigualdades de renda existentes também dentro desse setor e que variam de Norte a Sul do Brasil.

Distribuição dos conta própria por setor de atividade (Brasil urbano, 2019)



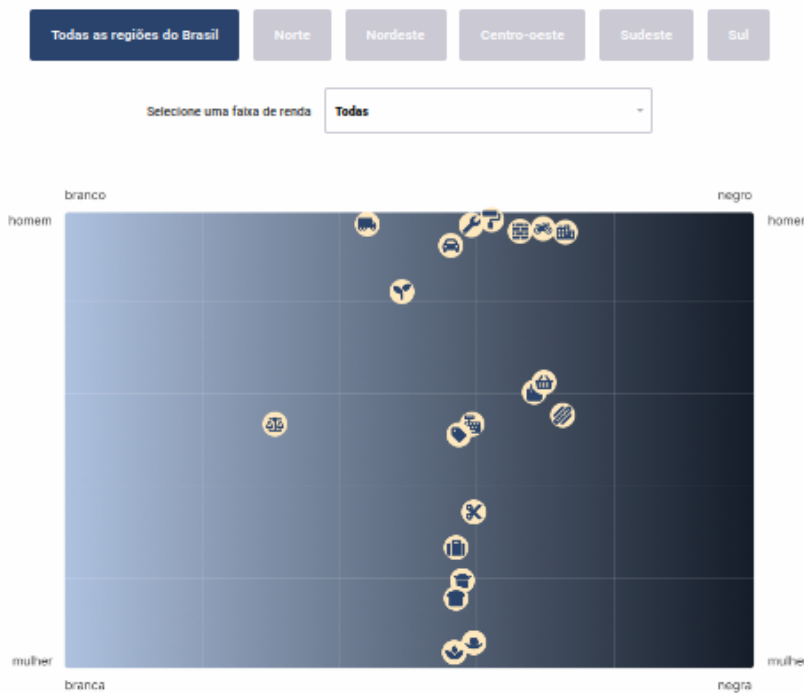
SETOR	PARTICIPAÇÃO
Agricultura • Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aqüicultura	4,69%
Indústria • Indústria geral 10,43% • Construção 16,22%	26,65%
Serviços • Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas 10,13% • Transporte, armazenagem e correio 9,80% • Educação, saúde humana e serviços sociais 3,95% • Outros serviços 13,14%	45,65%
Comércio • Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	22,95%

A apresentação dos dados de forma visual ajuda a municiar as populações

periféricas nas disputas políticas, nas ações de formação e comunicação,

trazendo uma linguagem de fácil acesso e compreensão. ■

Distribuição dos conta própria por setor de atividade



Legenda:

- Advogados e juristas
- Vendedores ambulantes de serviços de alimentação
- Pedreiros
- Condutores de motocicletas
- Cozinheiros
- Comerciantes de lojas
- Pintores e empapeladores
- Condutores de automóveis, taxis e caminhonetes
- Cabeleiros
- Vendedores a Domicílio
- Mecânicos e reparadores de veículos a motor
- Condutores de caminhões pesados
- Especialistas em tratamento de beleza e afins
- Vendedores não classificados anteriormente
- Padeiros, confeiteiros e afins
- Trabalhadores elementares da construção de edifícios
- Vendedores de quiosques e postos de mercados
- Agricultores e trabalhadores qualificados em atividades da agricultura
- Alfaiates, modistas, chapeleiros e peleteiros
- Vendedores ambulantes (exclusivo de serviços de alimentação)

Fonte: IBGE (PNADIC). * Há ainda 0,33% de atividades mal-definidas.

Direitos das periferias: da saúde mental à política e aos direitos socioambientais

Desde o início de 2020, o projeto Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos

sociais, ativistas e militantes de todo o país. Durante o mês de maio de 2023, foram exibidos programas relacionados à edição de maio da revista Reconexão Periferias, “Organização, mobiliza-

ção e rebeldia: o coletivo salva” (edição de maio).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#)

Confira os programas de maio e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

02/05/2023: Escola Nacional de Energia Popular: formação política e sustentabilidade - com Antonio Claret

16/05/2023: Sofrimento Psíquico: a arte salva! - com Tatiane Patrícia da Silva

30/05/2023: Instituto Madeira Vivo: direitos socioambientais na Bacia do Rio Madeira



Websérie mostra movimentos e organizações periféricas em ação

O projeto Reconexão Periféricas, da Fundação Perseu Abramo, e a Fundação Friedrich Ebert Brasil lançaram uma página de divulgação da websérie "Periferia é

periferia": <https://periferiaeperiferia.org.br/>

Em 8 episódios, a websérie mostra os resultados de um processo de territorialização que fortaleceu atividades de movi-

mentos e organizações das periferias brasileiras.

Assista aos episódios e saiba mais sobre o processo de territorialização em nossa página! ■



Arissana Pataxó

Filha de Meruka, com quem aprendeu os primeiros caminhos da arte, e Wilson (in memoriam), que lhe mostrou a multiplicidade do universo artístico, Arissana tem as vivências cotidianas junto ao seu povo como referências para sua criação. Desde de 2005 realiza exposições individuais e coletivas, entre outros trabalhos artísticos. É natural de Porto Seguro (BA), pertence à etnia Pataxó e reside atualmente em Coroa Vermelha, onde atua como professora de arte no Colégio Estadual Indígena.

A artista desenvolve uma poética sobre povos indígenas e a contemporaneidade utilizando diversas técnicas que possibilitam o



FOTO: ACERVO PESSOAL

seu trabalho, da pintura à fotografia.

Participou de exposições individuais e coletivas, entre elas "Resistência", realizada na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, durante o Fórum

Social Mundial 2018. E foi indicada ao Prêmio de Investigação Profissional em Arte em 2016, mais conhecido como Prêmio PIPA, premiada com o 2º Lugar no PIPA Online 2016. ■

SAIBA MAIS:

<http://arissanapataxo.blogspot.com/>

[@arissanapataxoportfolio/](https://www.instagram.com/arissanapataxoportfolio/)



TERRITÓRIO, ACRÍLICA SOBRE TELA, 2016, 60X60 CM



DEPOIS DE 500 ANOS, AQUARELA, 2006, 30X42



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Pano de Boca

Data: 29/04 a 09/07, sábados às 20h e domingos às 19h. Onde: Rua Treze de Maio, 48 - Bela Vista - Bixiga - SP
Ingressos: A partir de R\$ 20,00
Informações: www.teatrodoincendio.com

Treinamento arquivístico para sistemas municipais: do arquivo administrativo ao histórico

Data: 1/06 a 11/08, das 8h30 às 16h30
Onde: Associação dos Municípios do Estado do Ceará. Rua Maria Tomásia, 230 - Aldeota - Fortaleza, CE
[Informações aqui](#)

Epistemologias emancipatórias e os desafios das pesquisas em Geografia

Data: 13/06 às 19h e 16/06 às 14h
Onde: IESA - Instituto de Estudos Socioambientais - Avenida Esperança, s/n - Samambaia - Goiânia, GO
Ingressos: Gratuitos
[Informações aqui](#)

Os desafios para a promoção da memória negra e o enfrentamento ao racismo e ao fascismo - Palestra do Professor Michael Hanchard (Upenn)

Data: 16/06, às 15h30
Onde: Presencialmente em Auditório Nicolau Sevcenko - Dept. de História da USP - Professor Lineu Prestes 338 - Butantã - São Paulo, SP; com [transmissão online](#)

Slam da Guilhermina

Data: 20/06, às 19h
Onde: Biblioteca Mario de Andrade - R. da Consolação, 94 - República - São Paulo, SP

Encontro com Prefeitos

Data: 20/06, das 9h às 12h
Onde: Mercado Municipal de Orgânicos, Rua da Paz, 608 - Centro - Curitiba, PR
Ingressos: Gratuito. [Informações aqui](#)

Visita Especial - Mês do Orgulho LGBTQIA+

Data: 21/06, às 19h
Onde: Museu do Holocausto de Curitiba, Rua Coronel Agostinho Macedo, 248- Bom Retiro - Curitiba, PR. Ingresso: gratuito
[Informações aqui](#)

Slam da Guilhermina

Data: 21/06/2023 às 10h
 Onde: CEU Tiquatira - Av. Condessa Elizabeth de Robiano, 5280 - Vila Moreira - São Paulo, SP

ConiCria - Periferia no Centro

Data: 24/06, às 22h
 Onde: Chicão do Conic - SDS - Conjunto Baracat, Loja 29 - Asa Sul, Brasília - DF
 Ingresso: Gratuito
[Informações aqui](#)

XII Congresso ABRACE - Artes Cênicas na Amazônia: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos

Data: 24/06 a 30/06, das 8h às 22h
 Onde: Universidade Federal do Pará, R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá - Belém, PA. Ingressos: A partir de R\$ 50,00
[Informações aqui](#)

Seminário Nacional dos 200 anos da Independência do Brasil na província da Bahia - O dois de Julho

Data: 26, 27 e 28/06, às 19h
 Onde: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) - Avenida Joana Angélica, 43, Piedade - Salvador, BA;
 27 e 28/06/2023: Colégio Militar de Salvador - Rua das Hortênsias, S/N, Pituba - Salvador, BA
 Ingressos: Gratuito
[Informações aqui](#)

Palavras "jongadas": um panorama histórico da literatura de mulheres nos Cadernos Negros

Data: 29/06, às 19h
 Onde: Online. [Inscrições aqui](#)

Slam da Guilhermina

Data: 30/06, às 19h30
 Onde: Praça da Estação Vila Guilhermina

Esta Coisa que Pulsa - Exposição da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro

Data: até 07/07; de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 18h
 Onde: Museu da UFRGS - Avenida Osvaldo Aranha, 277 - Farroupilha - Porto Alegre, RS

"Tudo que nós tem é nós", saúde mental e a encruzilhada entre o técnico, o poético e o político

Data: 07 a 09/07, às 12h
 Onde: Rua Paulo Firmeza, 445, Base de encontro do MST em Fortaleza - São João do Tauape - Fortaleza, CE
[Informações aqui](#)

Uma breve história de harmonia

Data: 10 a 12/07, às 9h
 Onde: Centro Cultural Larte Manaus, Rua 5 de Setembro, 580 - Japiim - Manaus, AM.
[Informações aqui](#)

OPORTUNIDADES JUNHO

Edital	Foco	Prazo	Link
7ª Edição do Programa Municipal de Fomento à Linguagem de Cultura Reggae/Rastafari	A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo está com inscrições abertas para a 7ª Edição do Edital do Programa Municipal de Fomento à Linguagem de Cultura Reggae/Rastafari. Serão apoiados projetos para realização de ações relacionadas ao Reggae e à Cultura Rastafári, com o objetivo de fomentar, incentivar e reconhecer a importância histórica e cultural do segmento.	Até o dia 19 de junho de 2023	https://prosas.com.br/editais/13527-7a-edicao-do-programa-municipal-de-fomento-a-linguagem-de-cultura-reggae-rastafari
Edital Cultura Viva	A Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte está promovendo o Edital Cultura Viva, enquanto etapa da Programação Cultural Do 1º Fórum Municipal Dos Pontos De Cultura. O edital busca valorizar as atividades realizadas pelos Pontos de Cultura, reconhecendo sua importância nos territórios da cidade, além de fomentar a economia da cultura.	Até o dia 21 de junho de 2023	https://prosas.com.br/editais/13478-edital-cultura-viva
Edital 002/2023 Fundo Indígena do Rio Negro	O edital é uma iniciativa da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e do Instituto Socioambiental (ISA), para o fomento de projetos comunitários na região de abrangência da FOIRN - no alto, médio e baixo rio Negro.	Até o dia 5 de julho de 2023	https://prosas.com.br/editais/13480-edital-0022023-fundo-indigena-do-rio-negro
Edital Fundos da Infância e da Adolescência 2023	Promoção do Edital Fundos da Infância e da Adolescência de 2023, para selecionar propostas voltadas à criação de condições que promovam o direito de crianças e adolescentes à educação.	Até o dia 14 de julho de 2023	https://prosas.com.br/editais/13504-edital-fundos-da-infancia-e-da-adolescencia-2023

<p>II PRÊMIO DE FOTOGRAFIA RENASCER</p>	<p>O Grupo Renascer - Instituto Cultural com sede no Brasil, torna pública a abertura do período de inscrições para o II Prêmio de Fotografia Renascer com a temática , "Arte Paixão Fotográfica" na forma deste regulamento. Em Homenagem a "Claudio Miranda, é um diretor de fotografia chileno e moradia nos Estados Unidos, premiado com o Oscar de melhor fotografia de 2012 pelo filme "Life of Pi".</p>	<p>Até o dia 31 de julho de 2023</p>	<p>https://www.edi-taisculturais.com.br/premio-de-fotografia-grupo-renascer/</p>
<p>Chamada Pública para Permissão de Uso dos Espaços da Funarte SP - 2022-2023</p>	<p>Foi publicada, no dia 22 de setembro de 2022, a Chamada Pública para Permissão de Uso dos Espaços da Funarte SP. O objetivo da Chamada é o cadastro prévio de projetos para a ocupação de pautas livres de espaços da Funarte SP, por meio da Permissão de Uso para atividades artísticas e culturais, presenciais ou virtuais. Serão aceitos projetos nas áreas de artes cênicas (circo, dança e teatro), artes visuais, artes integradas e música. Cada projeto receberá a permissão de uso pelo prazo de até 4 semanas consecutivas, com possibilidade de prorrogação por mais 4 semanas, se houver disponibilidade. Serão programados projetos por meio desta Chamada Pública no período de outubro de 2022 a outubro de 2023. As inscrições permanecerão abertas de 22 de setembro de 2022 até 30 de setembro de 2023.</p>	<p>Até o dia 30 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.gov.br/funarte/pt-br/editais/2022/chamada-publica-para-permissao-de-uso-dos-espacos-da-funarte-sp</p>

OPORTUNIDADES JUNHO

<p>Programa de Aceleração de ONGs</p>	<p>A Phomenta, aceleradora de ONGs, está com a pré-inscrição aberta para os seus programas de aceleração. Organizações da Sociedade Civil de qualquer parte do país podem se inscrever e receber em primeira mão as informações quando cada programa abrir inscrições. Os programas de aceleração visam transformar a gestão da organização em um curto espaço de tempo, entre 5 e 7 meses, com ferramentas práticas e conteúdos dinâmicos. São apresentados temas diversos como captação de recursos, priorização, identificação e resolução de problemas, inovação, empreendedorismo e como conseguir parceiros.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-acelera-cao-de-ongs</p>
<p>Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</p>



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

